

A ORIGEM DA ESCRITA NA MESOPOTÂMIA COMO PROBLEMA INTERDISCIPLINAR

THE ORIGIN OF WRITING IN
MESOPOTAMIA AS AN
INTERDISCIPLINARY PROBLEM

EL ORIGEN DE LA ESCRITURA EN
MESOPOTAMIA COMO PROBLEMA
INTERDISCIPLINAR

DOI: 10.5935/2177-6644.20200002

Gabriel Lohner Gróf *

Resumo: Nos anos 30, com a descoberta dos tabletes protocuneiformes em Uruk, as hipóteses sobre a origem da escrita ganharam embasamento documental. Dada a complexidade desta problemática, os debates se concentraram em duas frentes: uma relacionada ao significado dos sinais, investigada pela Linguística e outra relacionada aos fatores do seu surgimento, investigada pela História e Antropologia.

Palavras-chave: Escrita. Protocuneiforme. Uruk. Interdisciplinaridade.

Abstract: In the 1930s, with the discovery of protocuneiform tablets in Uruk, hypotheses about the origin of writing gained a documentary basis. Given the complexity of this issue, the debates focused on two fronts: one related to the meaning of the signs, investigated by Linguistics and another related to the factors of its emergence, investigated by History and Anthropology.

Keywords: Writing, Protocuneiform, Uruk, Interdisciplinarity.

Resumen: E En la década de 1930, con el descubrimiento de las tablillas protocuneiformes en Uruk, las hipótesis sobre el origen de la escritura adquirieron una base documental. Dada la complejidad de este tema, los debates se centraron en dos frentes: uno relacionado con el significado de los signos, investigado por la Lingüística y otro relacionado con los factores de su surgimiento, investigado por Historia y Antropología.

Palabras clave: Escritura. Protocoluneiforme. Uruk. Interdisciplinarietàad.

* Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo - USP. E-mail: galohnegro@gmail.com

Introdução

A investigação sobre a origem de determinados fenômenos deve levar em consideração ao menos dois momentos: um antes, no qual se estabelecem os fatores e as condições para o surgimento do fenômeno, e um depois, quando o fenômeno estudado já aparece plenamente operacional. No caso da origem da escrita, não se trata somente de tentar estabelecer um vínculo lógico entre causas e consequências a partir das evidências disponíveis (neste caso paradoxalmente abundantes e lacônicas). Há também um problema conceitual que envolve a própria definição de “escrita”, que pode variar em função dos documentos analisados (tabletes protocuneiformes, papiros egípcios, quipos incas etc.). Assim, formulações como “a origem da penicilina” serão fundamentalmente distintas de “a origem da escrita” uma vez que, no primeiro caso, a discussão recairia sobre o papel decisivo de certas causas enquanto no segundo somar-se-ia o problema da definição do objeto.

Desta forma, ao se abordar o problema da origem da escrita, deve-se ter em mente que tal questão perpassa diversos âmbitos. Há o problema cronológico, relativo ao contexto do surgimento da escrita e sua relação com as dinâmicas sociais e históricas do momento e o problema evolutivo, a saber, o estabelecimento lógico de antecedentes que contribuiram para o aparecimento da escrita e suas posteriores transformações. Finalmente, ligados aos dois primeiros, o problema da própria definição do objeto, o que é condição sine qua non para que seja identificado no contexto arqueológico e validar as relações lógicas de causa e consequência. A definição do protocuneiforme como um sistema de escrita não é consensual e, devido a uma imprecisão interpretativa que ocorre em muitos âmbitos, esta modalidade de expressão gráfica é confundida com o próprio sistema cuneiforme em virtude da semelhança de alguns sinais.

Embora a denominação “protocuneiforme” suponha um vínculo de ancestralidade com a escrita cuneiforme, não se pode dizer o mesmo em relação às estruturas gramaticais. Enquanto no período Fara (cerca de 2900 a.C.) as estruturas morfossintáticas do sumério já são, de certo modo, evidentes, os tabletes protocuneiformes – também denominados “arcaicos” (3500 e 3100 a.C.) - apresentam uma disposição consideravelmente distinta entre sinais. Tal fato levou parte da comunidade assiriológica a discutir, por muitos anos, se o idioma expresso pelos sinais protocuneiformes fosse de fato o sumério – o famoso “problema sumério”. Ou ainda se haveria ou não alguma referência linguística por detrás daqueles sinais. Em função das semelhanças entre as notações gráficas individuais de períodos distintos é possível apenas identificar alguns signos protocuneiformes já que a tradução integral de textos arcaicos é muito problemática.

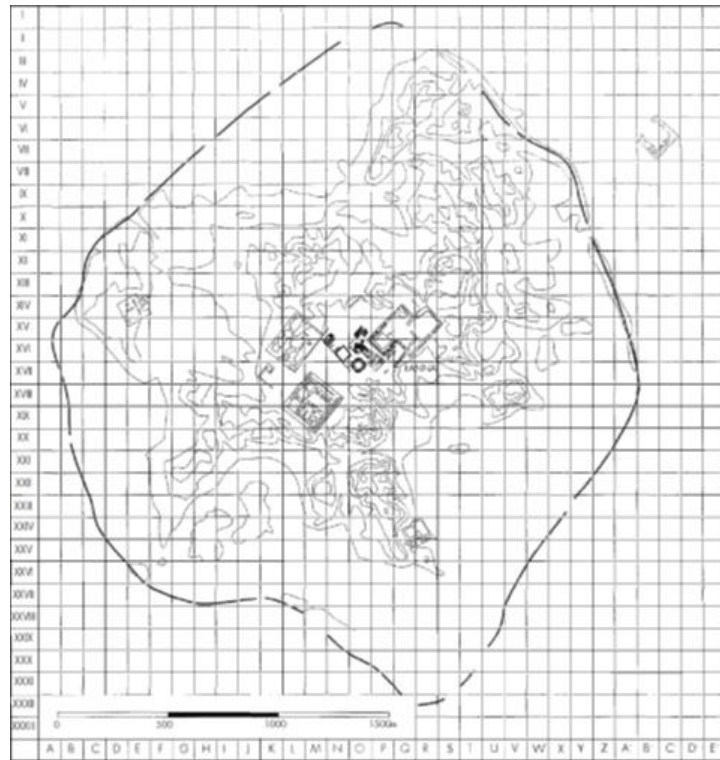
Em paralelo ao debate linguístico, há uma parcela de especialistas dedicada à origem da escrita como um problema histórico e historiográfico. Além do interesse em se estudar o impacto e desenvolvimento do protocuneiforme no contexto de formação e expansão dos primeiros Estados no Oriente Médio, há ainda por parte dos historiadores um interesse teórico-metodológico relacionado ao uso da escrita como documento historiográfico. Se no momento de sua formação, no século XIX, a disciplina histórica buscava status científico através de uma metodologia que estabelecia o documento escrito como única fonte historiográfica possível, as discussões historiográficas dos anos 70 retiraram de vez a primazia do documento escrito sobre fontes de outra natureza e estimularam a renovação dos paradigmas heurísticos, como o uso da iconografia por exemplo. Isto leva a uma reorientação teórica sobre papel decisivo dos primeiros sinais gráficos na organização geral das sociedades complexas do Calcolítico mesopotâmico (cerca de 3500 a.C.).

Por ser um fenômeno complexo, uma abordagem interdisciplinar da origem da escrita é necessária para captar o objeto em suas múltiplas facetas. Neste texto, faremos uma breve discussão sobre a origem da escrita como um fenômeno interdisciplinar, buscando mencionar as principais linhas de debate nas áreas acima citadas. Examinaremos também a validade da própria expressão “origem da escrita” enquanto uma formulação epistemológica e não somente como objeto de análise. Antes, é necessário esclarecer nosso pressuposto de que as formulações “origem da escrita” e “origem do protocuneiforme” guardam uma relação ambígua. Enquanto sinônimas, o protocuneiforme seria a manifestação concreta do primeiro tipo de escrita inventado pela humanidade. Por outro lado, a historicidade do protocuneiforme se impõe diante de uma noção ideal de Escrita quando esta é analisada sob uma perspectiva mais generalista.

Contexto e cronologia dos tabletes protocuneiformes

As ruínas da antiga cidade de Uruk, localizadas na região iraquiana de Warka, medem aproximadamente 3 km de comprimento por 2,1 km de largura. As missões alemãs realizadas no início do século XX estabeleceram dezoito níveis arcaicos para Uruk baseados no templo E.ANNA (“casa de Inanna” ou Ishtar), dos quais o período VIII ao IV correspondem ao período Uruk Tardio (3500 a 3100 a.C) - momento dos primórdios da urbanização e que termina com o declínio da expansão urukiana - e o período Uruk III/Jemdet Nasr,(3100 a 2900 a.C.) de aparente ruptura com a cultura do Uruk Tardio e transição para o período Fara (POLLOCK, 1999, p.17).

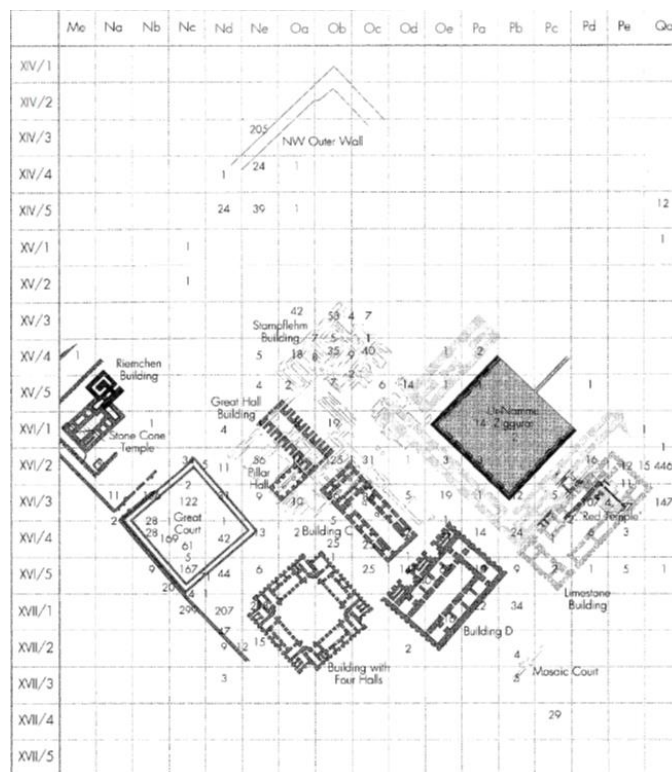
IMAGEM 1: Localização do templo E.ANNA no sítio de Uruk



Fonte: ENGLUND, 1998 p. 35

O período Uruk IV é caracterizado pela total remodelação do complexo de E.ANNA, com a introdução de novos elementos arquitetônicos. Além do uso recorrente de tijolos de adobe, foi introduzido um elemento decorativo bastante peculiar ao período: a utilização de cones de argila coloridos introduzidos em tijolos ainda frescos, compondo um efeito de mosaico. Surgiram novas estruturas tripartites, como os tipicamente urukianos Riemchengebäude e o Templo Vermelho, construídos sobre as fundações de edifícios anteriores e de onde provém a maioria dos tabletos protocuneiformes (GLASSNER, 2000: 45-65).

IMAGEM 2: Área do complexo E.ANNA por número de tabletos encontrados



Fonte: ENGLUND, 1998, p. 36

No período seguinte - Uruk III/Jemdet Nasr - o complexo de E.ANNA passa por uma nova reformulação. Praticamente todos os edifícios foram destruídos e as novas construções, erigidas sobre as estruturas ao norte do sítio, apresentam um padrão arquitetônico radicalmente distinto dos períodos anteriores. No lugar dos edifícios tripartites, foram construídas intrincadas estruturas cujas funções ainda nos escapam. A única estrutura tripartite construída no período é o Templo Branco, no cume do Zigurate de Anu. Sua construção em um local imediatamente mais elevado do que o entorno se constitui em um claro precursor dos típicos zigurates mesopotâmicos (HEINRICH, 1982).

Em ambos os períodos a maioria dos tabletos protocuneiformes foram encontrados num contexto de descarte, imediatamente abaixo da superfície destas construções. Após sua utilização como documentos, foram reciclados com o intuito de preencherem as irregularidades no solo e fortalecerem as fundações dos novos edifícios. Deste modo, a impossibilidade de se resgatar o seu contexto funcional.¹ levou ao estabelecimento de cronologias referentes aos próprios sinais, pressupondo uma evolução gráfica que parta do mais figurativo para o mais abstrato. Temos, portanto, denominações de estilo idênticas aos níveis estratigráficos - IV e III – cuja associação com as fases arquitetônicas é somente uma referência generalista.

¹ No período Uruk III, diferente do período anterior, foram encontrados tabletos protocuneiformes em outras localizações e em contextos funcionais: cerca de 200 em Jemdet Nasr, inclusive alguns em contexto funcional; cerca de 35 em Tell Uqair; cerca de 20 em Larsa; 2 em Tell Asmar; 12, que formam a coleção Erlenmeyer, que podem ter vindo tanto de Uruk como de Jemdet Nasr e se trata de um arquivo bem preservado.

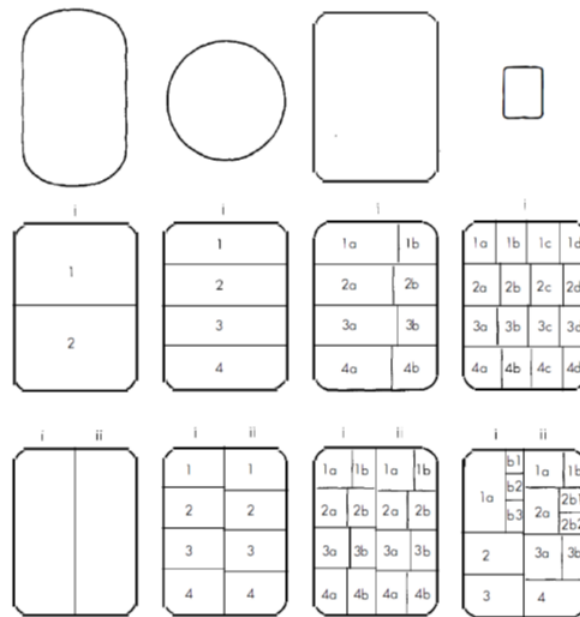
IMAGEM 3: Provável evolução dos sinais cuneiformes

Uruk IV ca. 3200	Uruk III ca. 3000	ED III ca. 2400	Ur III ca. 2000	Old Babylonian ca. 1700	Middle Assyrian ca. 1200	Neo- Babylonian ca. 500	meaning of archaic sign
							SAG 'head'
							NINDA 'ration'
							GUY 'disbursement'
							AB ₂ 'cow'
							APIN 'plow'
							KI 'locality'

Fonte: ENGLUND, 1998, p. 106

A cronologia paleográfica baseia-se em técnicas de inscrição e organização das informações no tablete. Enquanto os tabletas da fase IV apresentam pouca padronização e menor detalhamento, os da fase III apresentam padrões informacionais mais estáveis, maior abrangência contextual e temporal e vestígios mais evidentes de referencial linguístico. Quanto aos modos de organização textual, os escribas optavam entre um aglomerado de sinais ou conjuntos separados em colunas/nichos cuja função seria detalhar unidades de informação. Segundo Green, “cronologicamente, a aglomeração parece ter precedido divisões por colunas e nichos ou a técnica de aglomeração tendeu a ser substituída por padrões de linhas divisórias” (GREEN, 1981, p. 351).

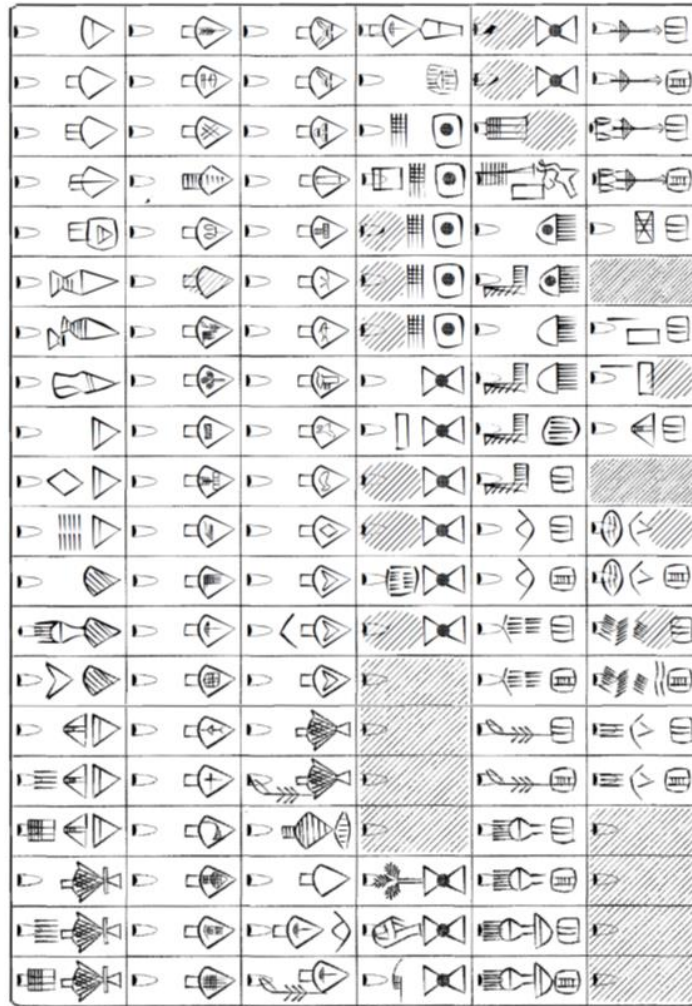
IMAGEM 4: Modos de organização textual



Fonte: ENGLUND, 1998, p. 58

Os tabletes arcaicos se apresentam sob dois gêneros textuais: administrativos, lexicais. Os tabletes lexicais apresentam conceitos categorizados em lista a partir de certos grafemas organizadores. Os primeiros léxicos, os da fase IV, eram mais modestos e contavam apenas com listas de oficiais. Na fase III, as categorias lexicais proliferaram em função da complexificação das atividades administrativas. Convém pontuar que, apesar do grande número de conceitos expressos nestas listas, poucos de fato se encontram em uso na documentação administrativa disponível.

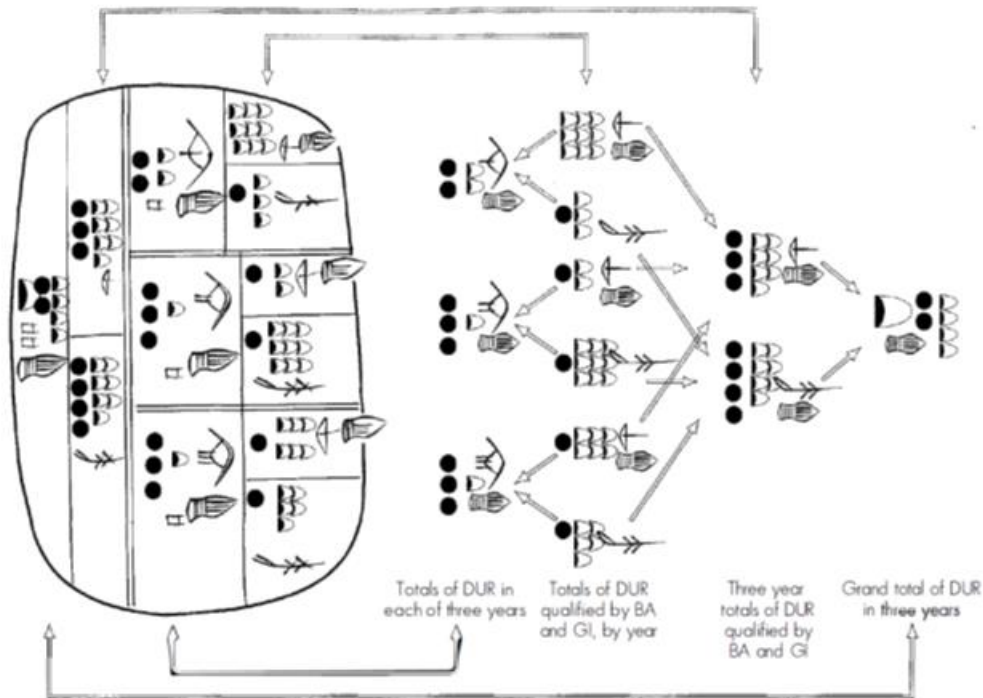
IMAGEM 5: Léxico de recipientes da fase III do protocuneiforme



Fonte: ENGLUND, 1998, p. 58

Os textos administrativos, por sua vez, constituem praticamente 95% do total dos textos e são caracterizados por apresentar a contabilidade de produtos, movimentos de bens e medição de áreas. Os tabletas administrativos da fase IV são mais lacônicos do que os da fase III, o que sugere um vínculo mais forte entre o registro e o ato registrado. Os tabletas da fase III apresentam maiores indícios de produção documental baseada em consultas arquivísticas, como é possível verificar no desenvolvimento de um sistema de contagem de tempo (sistema U4) ausente nos tabletas da fase IV.

IMAGEM 6: Contagem de “DUR” em um tablete protocuneiforme fase III



Fonte: ENGLUND, 1998, p. 61

Um grupo particular de pequenos objetos podem ser considerados como um subgrupo dentro da categoria maior de administrativos. São as “etiquetas” (tags), cuja função ainda é inexata. Em conjunto, representam um pequeno percentual dos documentos da fase IV: apenas dezessete exemplares. São tabletes consideravelmente menores do que a média, espessos e perfurados e dos dezessete exemplares resgatados, doze apresentam ideogramas inscritos em um dos lados enquanto apenas cinco possuem nos dois lados. Não há sinais numéricos nestas etiquetas (SZARYNSKA, 1994).

IMAGEM 7: Etiquetas (*tags*)



Fonte: ENCKUND, 1998, p. 60

É consenso que o protocuneiforme surgiu em um contexto de grandes transformações sociais em um espaço delimitado, como se pode deduzir a partir das evidências do contexto arqueológico de Uruk. Os grafemas, antes figurativos, foram assumindo contornos cada vez mais abstratos e a contagem de produtos foi se tornando cada vez mais complexa com a tendência de se adicionar cada vez mais nichos de informação em um mesmo tablete. Em relação ao conteúdo linguístico, apesar dos grandes esforços acadêmicos, há ainda dois pontos de debate: primeiro, se os produtores do protocuneiforme seriam falantes autóctones de sumério ou invasores; segundo, se os tabletes arcaicos expressariam, de fato, algum idioma ou apenas sistemas de contagem ancorados em sinais puramente ideográficos sem relação com a fala, como ocorre com alguns ideogramas chineses.

O problema sumério e a origem da escrita

A origem do protocuneiforme é, antes de tudo, a realização de algo em potencial. A investigação sobre o surgimento de qualquer sistema de escrita e sua posterior transformação passa necessariamente por temas como a relação entre grafismo e a fala, instrumentos de inscrição, suporte e natureza do sinal gráfico (silábica, logográfica, alfabética, etc.), acrofonia e foneticismo: [...] o conhecimento dos parâmetros da possibilidade da escrita que permitem um maior entendimento do seu início e posterior evolução. Em suma, o que faz a escrita

possível precede qualquer explicação da emergência e desenvolvimento da escrita (ROBERTSON, 2004, p. 16).

Roman Jakobson, nos anos 70, investigou a natureza dos signos visuais e auditivos e os mecanismos de interação entre eles. Segundo o autor, os primeiros seriam atemporais, imitativos e imediatos, os segundos seriam temporais, imputados e mediados. Robertson, mobilizando conceitos semióticos formulados por Sanders Pierce, reforça tais argumentos ao afirmar que:

[...] sinais visuais são atemporais porque persistem enquanto duram os meios que os preservam, ao passo que os sinais auditivos desaparecem com as ondas de ar que os carregam. Sinais visuais são prototipicamente imitativos no sentido de que nossas imagens visuais são representações de objetos. Em contraste, a percepção auditiva ganha significado quando um sinal é relacionado ao seu objeto. Finalmente, percepção visual é holística e imediata, enquanto percepção auditiva é processada pouco a pouco através do tempo, atingindo o holismo através de uma mediação sistemática e hierárquica (ROBERTSON, 2004, p. 16)

As argumentações de Jakobson e de Robertson levam em consideração os processos de significação destacando a capacidade mediadora entre sinais de diferentes naturezas. Desta maneira, como pressuposto básico, a capacidade de empreender significados mediante visão e audição configura uma parcela importante dos fundamentos sobre os quais se desenvolvem qualquer sistema de escrita, se não a mais importante. O ponto relevante aqui, por sua vez, é a distinção conceitual entre sinais visuais e auditivos: enquanto os primeiros seriam instrumentos de percepção icônica, os segundos seriam de percepção simbólica (ROBERTSON, 2004, p.18).

Esta distinção não significa incompatibilidade. Ao contrário, o ícone e o símbolo, mediados pelo índice, estão presentes no momento exato do surgimento da escrita e sua posterior evolução. A linguagem falada possui um comportamento simbólico sequencial enquanto a linguagem visual possui um comportamento icônico pela sua característica atemporal e holística. As condições para o surgimento da escrita recaem sobre o nexos que vincula uma e outra linguagem, cujo propósito seria, essencialmente, preservar o discurso oral por meio de um suporte durável. Este seria o aspecto básico presente em qualquer sistema de escrita, em qualquer espaço e tempo.

No caso do protocuneiforme, a falta de clareza das relações entre símbolos e signos, visuais ou auditivos, impõem ao investigador uma grande dose de cautela. Tal situação leva à inevitável reflexão: ou a semiótica claudica em oferecer ferramentas de análise que possam dar conta do fenômeno do surgimento do protocuneiforme ou o protocuneiforme não pode ser definido como um sistema de escrita tal e qual seu descendente próximo: o sistema cuneiforme. No primeiro caso, o idealismo da semiótica enfrentaria a concretude de uma

modalidade gráfica (aqui evitamos deliberadamente utilizar a palavra “sistema”) que apresenta dificuldades relacionadas ao laconismo das mensagens e sua tradução. No segundo caso, além de empurrar para 2800 a.C. o surgimento da escrita na Mesopotâmia (o que conferiria aos egípcios o status de inventores da escrita) restaria a árdua tarefa de buscar compreender a natureza do grafismo presente nos textos arcaicos.

Robert K. Englund reconhecia que, apesar da grande quantidade de material disponível, os avanços na decifração do protocuneiforme são incipientes e se resumem formalmente à identificação do gênero dos textos arcaicos e ao significado de sinais individuais, o que ao menos ofereceria o reconhecimento do campo semântico. Por outro lado, há um reconhecimento quase completo dos sistemas de contagem. Não houve uma tradução propriamente dita, com o reconhecimento das estruturas morfossintáticas do idioma. Para Englund, isso se deveria a dois fatores principais: primeiro, que o idioma dos escribas arcaicos teria desaparecido após a crise do final do período Uruk III; segundo, que a linguagem expressa nos tabletas não representa propriamente um idioma, mas apenas sistemas de contagem e conceitos administrativos que não correspondem necessariamente à reprodução do idioma (ENGLUND, 1998, p. 65).

Algumas possibilidades linguísticas foram extensivamente exploradas ao longo do século XX, mas com resultados tímidos. Foi analisada a frequente repetição de sinais nos textos arcaicos, o que poderia ser uma marca de plural ou de iteratividade como se observa em alguns textos sumérios. Outra evidência seria a possível multivalência de sinais característica do sumério já poderia ser observada nos textos arcaicos como, por exemplo, no clássico caso do construto EN.É.TI que equivaleria à célebre fórmula suméria en-líl-ti (“Enlil em vida”). A. A. Vajman sugeriu a interpretação fonética do sinal arcaico GI, ou seja, como /gi/ e não pelo significado pictográfico “feixe de junco”. M. Powell relacionou o surgimento de palavras em sumério que designam números a partir do sistema sexagesimal, abundantes em textos arcaicos e que isso seria prova do idioma falado pelos primeiros escribas.

Mais recentemente, Gordon Whittaker publicou, em 2001, uma resposta à hipótese levantada por R. Englund sobre a leitura de KAŠ como /bi/ (substantivo “cerveja”). Para Whittaker, KAŠ e /bi/ seriam derivados respectivamente das raízes indo-europeias *Kwath₂-so- (substância fermentada) e *pih₃- (bebida), e seus valores fonéticos e semânticos foram mantidos (WHITAKKER, 2001, p. 14-16). Em 2014, Salvatore Monaco publicou um artigo no qual afirma que o uso do sinal E (substantivo “casa”) nos textos arcaicos e sua substituição pelo homófono È em um momento posterior implica uma leitura fonética do termo que, em função de seu valor semântico, poderia apenas expressar o sumério. Segundo Monaco, tal evidência atestaria que os textos arcaicos não apenas expressam um idioma como a língua é o




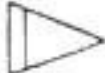




















sumério (MONACO, 2014. p. 266).

O problema é que tais hipóteses estão assentadas em bases pouco sólidas dado o baixo nível de padronização do protocuneiforme. EN.É.TI, por exemplo, aparece com pouquíssima frequência e somente em alguns documentos de Jemdet Nasr, em contextos informacionais muito distintos. Com relação à hipótese GI = /gi/, não há uma razão empírica para confirmar essa hipótese: as tentativas de utilizar marcadores fonéticos do sumério para os textos arcaicos são inconsistentes tendo em vista a clareza com que estes se apresentam em momentos posteriores. A hipótese que relaciona o sistema sexagesimal a nomes de números em sumério também é pouco aceitável já que o vocabulário numeral sumério parece ter mais relações com um sistema vigesimal presente em contextos em que o sumério aparece indubitavelmente como idioma expresso. Finalmente, as hipóteses de Whitakker e Monaco, se baseiam em elementos isolados e acabam por tomar a parte pelo todo.

Outra frente de debates se desenvolveu em torno da natureza dos sinais protocuneiformes e sua evolução. A corrente pictográfica, que tem como um de seus principais expoentes Jean Bottéro, defende que a escrita cuneiforme passou por duas fases antes de desenvolver-se plenamente como um sistema de reprodução linguística. A fase pictográfica, uma grafia inicial de coisas independente da língua, teria contribuído sensivelmente para a capacidade humana de memorizar informações. Em seguida, essa escrita das coisas resultou naturalmente em uma referência direta ao nome do objeto grafado, passando para uma fase ideográfica na qual o sinal expressaria uma ideia completa com primeiras referências à língua. Finalmente, o ideograma acaba por adquirir uma liberdade de seu referencial pictográfico e/ou ideográfico e passa compor um som específico e incompleto que deveria ser articulado com outros grafemas para compor uma palavra (BOTTÉRO, 1987).

As críticas a esse modelo, baseadas nos argumentos de A. Falkenstein e D. Schmandt-Besserat, recusam a ideia de que o protocuneiforme tenha sido um estágio pictográfico da escrita cuneiforme. Falkenstein demonstrou, já nos anos 30, q notou que no conjunto dos sinais, os pictográficos são minoritários apesar da frequência de seu uso (FALKENSTEIN, 1936). Posteriormente, nos anos 70, Schmandt-Besserat estabeleceu um vínculo entre os sinais protocuneiformes e tokens, pequenos dispositivos contábeis utilizados durante o Neolítico em todo o Oriente Médio. Segundo a autora, forma e o significado dos primeiros sinais protocuneiformes seriam, na verdade, descendentes daqueles dispositivos contábeis e não uma fase pictográfica autônoma. Sua teoria, aceita pela maior parte da comunidade acadêmica, confere ao protocuneiforme uma finalidade eminentemente contábil (SCHMANDT-BESSERAT, 1992).

IMAGEM 8: Comparação entre tokens e sinais protocuneiformes

Tokens	Sumerian Pictographs	Tokens	Sumerian Pictographs	Tokens	Sumerian Pictographs
	 Numeral 1		 Bread		 Seat
	 Numeral 10		 Wool		 Place
	 Numeral 600		 Sheep		 Legal Decision
	 Numeral 36000		 Metal		 Cloth

Apesar de célebre, a teoria de Schmandt-Besserat tem sido bastante criticada. Jean-Jacques Glassner coloca em dúvida o rigor metodológico das datações oferecidas pela autora em sua obra e a acusa de propor significados arbitrários aos tokens e de negligenciar estudos quantitativos que revelariam uma incongruência referente ao repertório de tokens utilizados como sinais protocuneiformes. Outra crítica é dirigida à finalidade contábil dos textos arcaicos: Glassner acusa ser esta uma visão preconceituosa de que povos pré-históricos seriam incapazes de pensar conceitualmente e viviam às voltas apenas com suas necessidades cotidianas, puramente materialistas. Para o autor, o protocuneiforme seria, portanto, uma forma de escrita plenamente desenvolvida, com estruturas gramaticais presentes – ainda que não decifradas – e a contabilidade seria apenas uma manifestação e não sua finalidade (GLASSNER, 2000, p. 87-112).

A pertinência das críticas de Glassner não deve ser desprezada. Por outro lado, nos conduz novamente ao problema do idioma expresso nos tabletas arcaicos, que ainda se impõe. Além disso, ao relativizar o papel contábil do protocuneiforme incorre no perigo de esvaziar o sentido inicial da escrita – um entre vários dispositivos de controle - cuja finalidade neste momento não é outra senão a contabilidade de bens. De modo geral, o debate entre Glassner e Besserat emula uma certa divergência entre uma abordagem semiótica sobre a origem da escrita, da qual o autor em questão é tributário, e uma abordagem mais específica sobre o fenômeno dos tabletas protocuneiformes, assentada eminentemente sobre dados empíricos.

Como é possível observar, o debate sobre a origem da escrita é complexo e tomou caminhos distintos, por vezes circulares. Não se trata apenas em saber o idioma expresso nos tablets arcaicos mas também uma investigação sobre os caminhos evolutivos e as possibilidades de expressão gramatical do protocuneiforme. Em 2006, o historiador e matemático Peter Damerow buscou reorientar o debate sobre a origem da escrita em função de sua hipótese de que o protocuneiforme não poderia ser estudado pela linguística pela fraca relação entre fonética e grafismo. Desta maneira, afirmou que o problema da origem da escrita deveria ser compreendido historicamente mais do que filologicamente (DAMEROW, 2006, p. 1). Ainda que pertinente, não deixa de ser curioso o pressuposto de que uma abordagem historiográfica seja útil em virtude da insuficiência heurística de áreas afins.

A origem da escrita como problema histórico

A escrita foi, por muitos anos, considerada o marco divisório entre pré-história e história. Este destaque dado à escrita pela historiografia tradicional acabou por permear áreas afins – sobretudo a Antropologia dos anos 50 e 60 – e trabalhos como os de Ignace Gelb e Jack Goody influenciaram enormemente uma geração posterior de estudos que se debruçaram sobre as estruturas simbólicas características do grafismo. Embora jamais neguem as influências sociais, a maior parte dos trabalhos privilegiam os aspectos gráficos e simbólicos como elementos cruciais de desenvolvimento. Desta forma, a “origem da escrita” é uma problemática que se desenvolveria dentro dos próprios mecanismos de notação e significação, cerne da abordagem linguística. Há de se levar em conta, no entanto, que o documento escrito já não ocupa um papel central na metodologia historiográfica.

A relativização, nos anos 70, da importância do documento escrito como fonte historiográfica acabou por influenciar o próprio debate sobre a origem da escrita. De ápice do desenvolvimento intelectual dos homens pré-históricos, ela passou a ser considerada como um entre tantos dispositivos de controle já existentes. O incremento da complexidade social no Oriente Médio antigo confirmou duas tendências importantes: a) a ideologia e a prática do controle (aqui genericamente considerado), desenvolvida durante o Neolítico (controle da natureza por meio de obras de irrigação, por exemplo) e consolidada no momento em que surge o Estado, espalhando-se para áreas diversas como economia e religião; b) a legitimação da intermediação social, por um setor da elite, entre a população em geral e sua esfera produtiva e mítica. O protocuneiforme seria, portanto, um instrumento de controle e de intermediação entre outros dispositivos, mas relacionado à esfera administrativa e econômica de Uruk no final do Calcolítico (REDE, 1999, p. 44).

Damerow retomou questionamentos de Marvin Powell sobre a origem da escrita em

Uruk, reivindicando uma abordagem centrada nas especificidades históricas da primeira cidade com o intuito de compreender o protocuneiforme como um produto tipicamente urukiano (DAMEROW, 2006; POWELL, 1981). Neste caso, é importante ter em mente que os fatores que levaram ao seu surgimento em Uruk não desembocariam de maneira semelhante em sociedades com modalidades semelhantes de organização social. Um exemplo é o caso de Arlanstepe-Malatya, em que:

[...] a organização de grupos de selagens em arquivo seguiria alguma organização codificada da prova documental, disposta de forma a permitir que a administração do arquivo funcionasse perfeitamente na total ausência de escrita. Era necessário que tudo fosse organizado com antecedência e sistematicamente conservado para que os documentos pudessem ser consultados e utilizados a qualquer momento, desde o momento da constituição do arquivo (FRANGIPANE, 1994, p. 150).

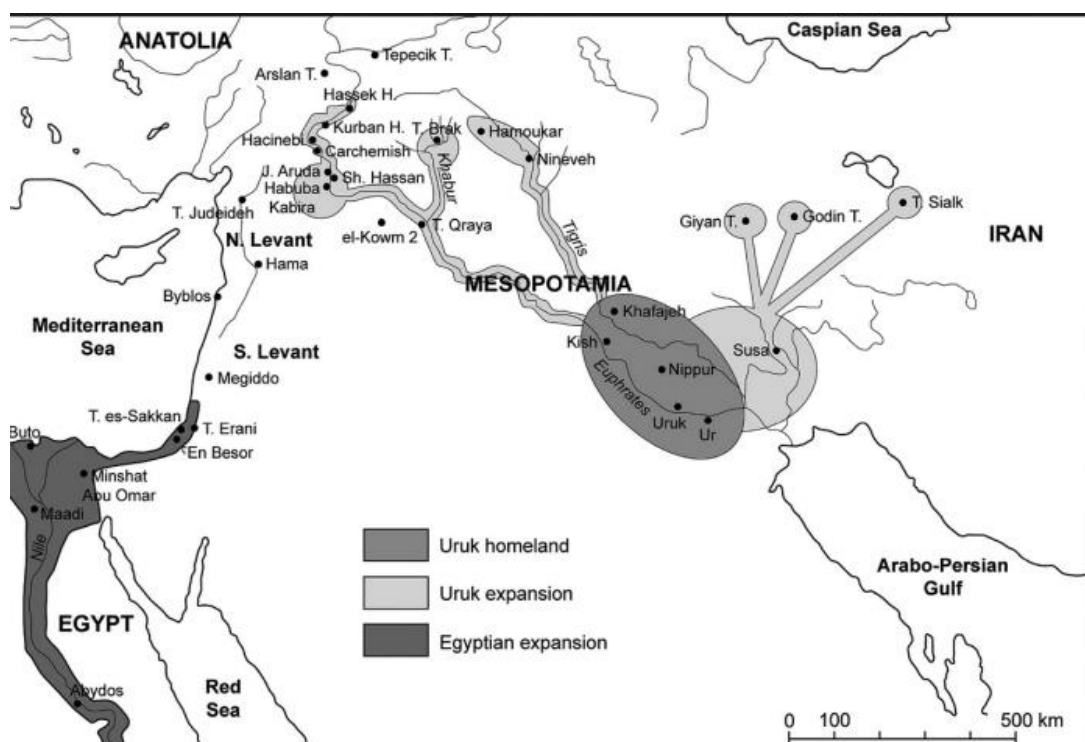
A compreensão do fenômeno de Uruk, frequente sinônimo de problemáticas como “a origem do Estado” ou “surgimento da cidade” passou por diversas matrizes teóricas. Vere Gordon Childe, amparado heurísticamente pelas escavações alemãs dos anos 30, formulou seu célebre conceito de Revolução Urbana considerando o exemplo de Uruk como paradigmático. Para Childe, o aspecto revolucionário não recai tanto sobre a organização social em cidades, mas no impacto social da especialização econômica, a nível individual e regional. A redistribuição de bens controlada pelo Estado nascente seria a base material de todas as relações sociais, construídas sobre ideologias do poder. A escrita, para Childe, é um produto inevitável desta Revolução levando em conta seu papel como instrumento de controle e organização da divisão do trabalho (CHILDE, 1958, p. 168-170; MAISELS, 1999, p. 343).

Embora Uruk seja o paradigma da Revolução Urbana, Childe formula uma teoria de caráter generalista, aplicável a contextos diversos. Nos anos 60, Robert McC. Adams e Hans J. Nissen procuraram compreender o fenômeno da Revolução Urbana em Uruk como produto de interações que ocorreram em seu entorno imediato. Através de fotografias aéreas e um extensivo exame dos padrões ecológicos regionais, foi identificada uma rede de assentamentos interconectados por canais, apresentando padrões distintos de adensamento populacional ao longo do tempo, com grande concentração na cidade de Uruk em detrimento dos assentamentos vizinhos ao final do Calcolítico Tardio. Os aspectos ideológicos, assim como o papel desempenhado pela burocracia no exercício do poder, foram aspectos privilegiados em suas considerações, lhes permitindo reavaliar algumas imprecisões contidas no conceito de “Civilizações Hidráulicas” formulado por K. Wittfogel (ADAMS & NISSEN, 1972, p. 5-9).

Nos anos 70, a descoberta de sítios arqueológicos do Calcolítico Tardio na Síria, Anatólia e Planalto Iraniano levou a uma reorientação radical da problemática da Revolução

Urbana. Locais como Habuba Kabira, Tepe Gawra, Djebel Aruda entre outros revelaram uma notável semelhança com Uruk, o que evidentemente demandava uma abordagem que extrapolasse as dimensões regionais. G. Algaze, inspirado pelo modelo da Economia-Mundo de I. Wallerstein, interpretou este fenômeno como um momento em que Uruk teria possuído capacidade para empreender uma atividade colonizadora cujo objetivo era garantir o abastecimento de produtos inexistentes no sul mesopotâmico. A captação destes produtos teria sido realizada a partir da instalação de assentamentos que mantinham populações locais sob controle, considerando que Uruk se constituía em um centro dinâmico a partir do qual emanavam as influências econômicas e culturais. Em suma, um fenômeno que resultou na formação de uma dinâmica de centro e periferia (ALGAZE, 1993).²

IMAGEM 9: Mundo proto-urbano e áreas da expansão de Uruk (cerca de 3600 a 3200 a.C.)



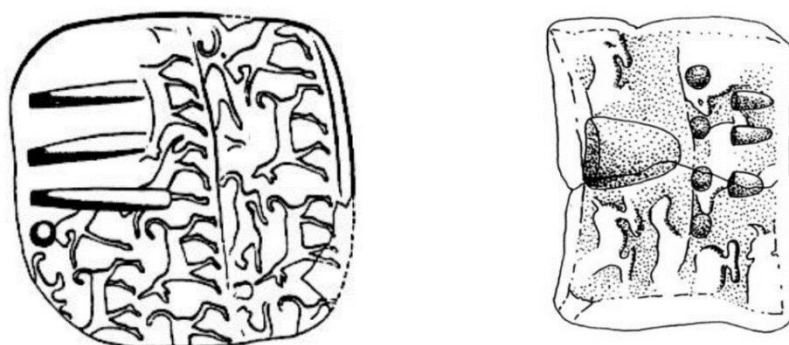
Sem entrar em demasia no tema das equivalências cronológicas entre os vários sítios que compõem o mundo proto-urbano, há certo consenso de que a ocupação de Habuba Kabira é correspondente aos níveis Uruk-E.ANNA VIII ao VI e seu estágio final é contemporâneo ao nível 17 de Susa e, conseqüentemente, do nível Uruk-E.ANNA IV (ca. de 3200 a.C.). A fase final de Djebel Aruda ocorreria por volta de 3250 a.C., também coincidindo com o nível Uruk-E.ANNA IV. Em Susa, há o aparecimento de elementos urukianos, entre os níveis 20 e

² As mais recentes críticas à tese de Algaze ressaltam a discutível validade da aplicação de um modelo relativo ao desenvolvimento do capitalismo no século XVI, pondo em dúvida o papel de primazia de Uruk em relação à sua “periferia”. Gil Stein, por exemplo, prefere pensar em relações de mão dupla em vez de assimétricas (STEIN, 1999). Infelizmente, a instabilidade política que se verifica no Oriente Médio, especialmente na Síria e norte do Iraque, tem impedido o progresso das investigações nesta área.

19 e seu desaparecimento ao final do nível 17 corresponde com o nível Uruk-E.ANNA IV, quando são substituídos por uma cultura autóctone denominada Proto-Elamita. Estas datações revelam que, apesar da variabilidade temporal dos ímpetus “coloniais” por parte de Uruk, todos os sítios demonstram abandono ou transformação mais ou menos ao mesmo tempo. Falta-nos, porém, conhecer a natureza desta crise que se abateu sobre o mundo proto-urbano em sua totalidade (STROMMINGER, 1980, p. 483-486; SÜRENHAGEN, 1993, p. 57-71; GLASSNER, 2000, p. 87-112).

Estas mudanças levaram a respostas que podem ser identificadas no registro arqueológico. Em Susa e Nínive, por exemplo, houve de um novo substrato cultural no lugar da antiga cultura típica do mundo proto-urbano. Outros sítios foram abandonados, como Habuba Kabira e Djebel Aruda. Em Uruk, como visto acima, houve uma grande transformação em seu recinto sagrado que, segundo Heinze, teria resultado de um conflito ocorrido entre uma elite secular e outra religiosa, catalisado pela crise geral que afetou o Oriente Médio (HEINZE, 2012). Neste contexto de pulverização cultural, o aparecimento do protocuneiforme pode ser interpretado como uma resposta especificamente urukiana levando em conta que, em sua fase inicial, este só pode ser encontrado em Uruk. O mesmo não ocorre com os tabletas numéricos selados, seus antecessores imediatos.³

IMAGEM 10: Tablettes numéricos selados provenientes de Susa e Uruk (CDLI P009431 e P00899)



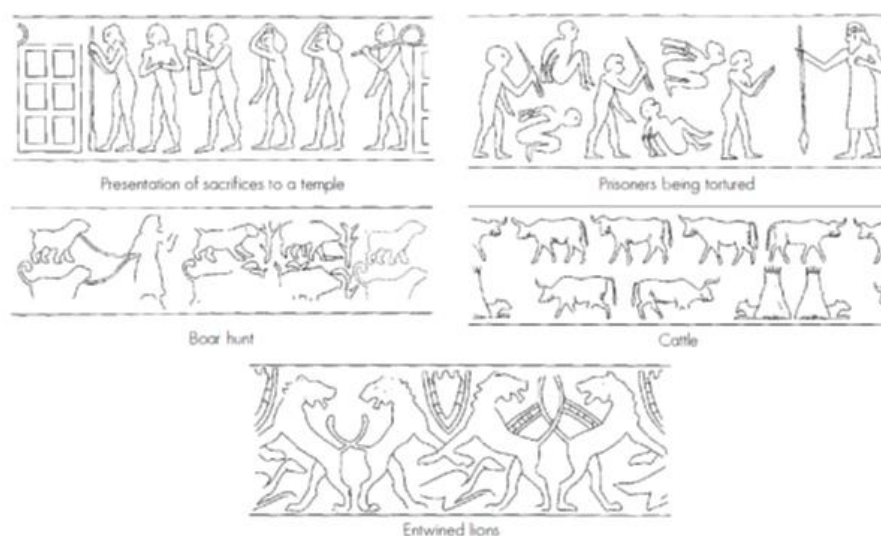
Fonte: cdli.ucla.edu

De fato, a selagem assumiu um papel muito mais decisivo que a escrita na organização dos estados nascentes, como já mencionamos acima no caso do sítio de Arlanstepe-Malatya. Ainda não se sabe ao certo se era uma marca pessoal, institucional ou, menos provável, um

³ O contexto de achado dos tablettes numéricos é bastante variado, e não somente monumental. Levando em conta sua ampla difusão pelo Oriente Médio, três grupos podem ser organizados cronologicamente entre 3200 e 3000: um primeiro – entre 3200 e 3100 – equivale aos níveis Uruk V/IV, Susa 18/17 e Chogha Mish, associados a contextos privados (com exceção de Uruk) junto a envelopes selados, selos e tokens; um segundo – entre 3100 e 3000 – do Templo Branco Uruk III, Susa 17B (após o nível 17 semelhante à Uruk-E.ANNA IV) e Khafaje; um terceiro, datando aproximadamente de 3000 a 2900 a.C. e localizados em um ambiente cultural já proto-elamita, provenientes de Tepe Sialk, Susa nível 16, Godin Tepe V e Tell-I-Ghazir (BESSERAT, 1977: 31-70)

tipo arcaico de “propriedade” individual. Sua finalidade, no entanto, nos parece mais clara: controlar o fluxo de bens através da aplicação de uma marca em objetos diversos como bullae com tokens, tabletas numéricas, lacres de porta, lacres de recipientes e até mesmo objetos de uso cotidiano. Tal era a importância da selagem que esta era o foco principal dos sistemas de objetos dedicados ao controle econômico entre meados de 6000 a.C. a aproximadamente 2900 a.C. Em Uruk, por volta de 3100 a.C., a selagem de tabletas diminuiu drasticamente em favor da inscrição protocuneiforme, embora tenha se mantido em outros objetos. Este fenômeno, apesar de sugerir uma substituição, ainda não foi devidamente compreendido.

IMAGEM 11: Exemplos de motivos glípticos do Calcolítico Tardio



Fonte: ENGLUND, 1998, p. 44

Estes dispositivos de controle, como tabletas e selos, são instrumentos específicos no conjunto maior de mecanismos de controle social, aqui definido como: “meios de intervenção [...] acionados por cada sociedade ou grupo social a fim de induzir os próprios membros a se conformarem às normas, de restabelecer condições de conformação, também em relação a uma mudança no sistema normativo” (GARELLI, 2007, p. 283).

Esses meios de intervenção podem assumir diversas formas e são recursos em contínua modificação em função dos potenciais conflitos sociais. Tentar manter o controle social significa, em grande medida, tentar institucionalizar as mudanças decorrentes do processo histórico, dificultando sua reversão. Isso se dá, entre outras formas, por meio de um certo nível de padronização de procedimentos que, em tese, facilitaríamos a integração dos vários níveis administrativos (MORONY, 1986, p. 4-5).

A padronização é um dos requisitos mais importantes de um sistema de escrita, o que facilita imensamente sua decodificação em espaços e tempos distintos. Um dos maiores entraves em se considerar o protocuneiforme como um sistema de escrita (ainda que não seja

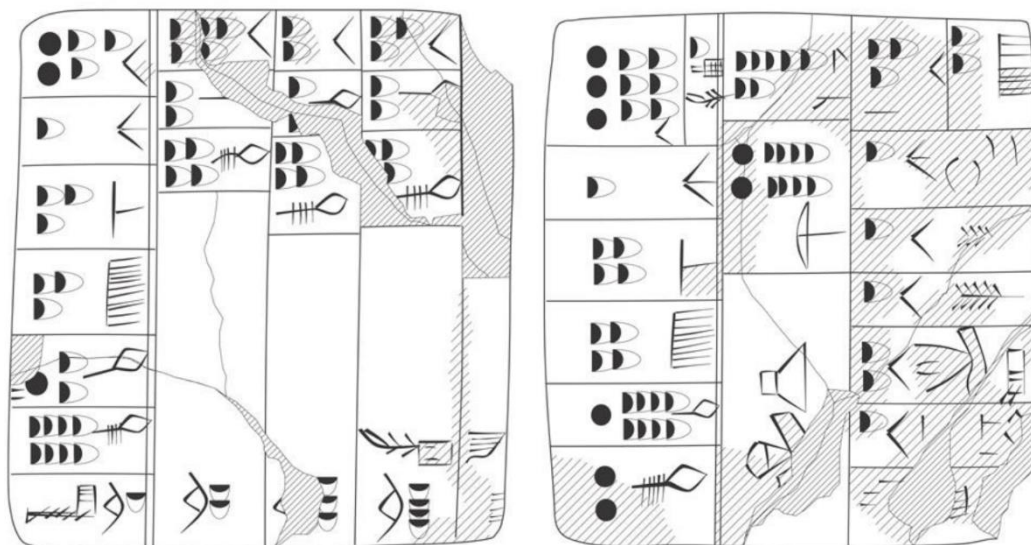
um critério suficiente para desacreditá-lo) é justamente seu baixo nível de padronização. Dos mais de 1500 sinais protocuneiformes não numéricos, apenas um pequeno grupo de 100 aparecem mais de 100 vezes um grande grupo de 600 aparece menos de dez vezes (DAMEROW, 2006, p. 6). Esta tendência ocorre também em sinais que ocorrem somente na fase IV, embora ainda não tenhamos um inventário adequado de sinais que deixam de ser utilizados já na fase III. Se é possível discorrer sobre alguma forma de padronização, ela se revela com mais clareza no processamento técnico dos dispositivos de controle.

A utilização da selagem em larga escala obedecia determinados critérios e ritos que poderiam conferir um caráter de “oficialidade” às transações efetuadas. Tais procedimentos envolviam padrões destinados a garantir a sua credibilidade e dar-lhes força de prova. Mais detalhadamente, havia a quebra do selo anterior acompanhada de um “oficial”, a adição ou remoção de conteúdo em um dado recipiente ou lugar previamente selados e a nova selagem. O selo rompido, uma vez cumprida sua função inicial, era arquivado para uma possível consulta posterior das pessoas envolvidas na última transação. Como bem sintetiza G. G. Fissore:

Assim como a função de guarda do conteúdo lacrado é realizada pela alternância de lacres intactos e rompidos de acordo com as formalidades estabelecidas, o valor documental ou contábil que os lacres rompidos assumem dentro da vida de um ciclo administrativo só pode ser plenamente realizado por meio a continuidade sequencial e contiguidade obtida pela adoção de um sistema adequado de preservação (FISSORE, 1994, p. 340).

O protocuneiforme, em que pese sua originalidade, teria surgido vinculado a um modus operandi preexistente de práticas administrativas cuja finalidade principal era o arquivamento de documentos. O tamanho reduzido dos tablets permitia aos escribas mantê-los sob guarda durante um tempo determinado - provavelmente em pequenos conjuntos documentais - até seu descarte. A inovação em relação aos selos foi a de possibilitar a criação de um fluxo informacional, ou seja, adicionar em um novo tablete informações contidas em tablets anteriores mediante consulta em um proto-arquivo. Isto permitiu aos escribas, sobretudo os da fase III, realizarem resumos contábeis por tempo desde poucos dias até 10 anos. A criação de um “tempo administrativo” foi uma inovação de grande impacto que ampliou as possibilidades da contabilidade arcaica no que concerne ao estabelecimento de expectativas contábeis e estatísticas.

IMAGEM 12: Tablete MSVO 01, 083 (CDLI P005150): no verso, à esquerda, cada coluna representa um dia específico (1 a 4) em uma semana contábil de produtos diversos como gorros de tecido (ŠÚ) e tâmaras (ZATU753). No reverso, a soma total dos produtos e o local da transação, no caso Jemdet Nasr (NIa.RU).



Em suma, a função da escrita como ferramenta de controle social depende dos procedimentos a que foram submetidas os tabletes arcaicos. Neste caso, os padrões de documentação, arquivamento e descarte são decorrentes da experiência histórica do uso instrumental dos estados físicos da argila em contexto econômico e administrativo. Se há algum vínculo genético entre selagens e escrita, este se localiza mais nos procedimentos materiais do que nas formas de representação. Levando em conta que o protocuneiforme surgiu em um avançado momento de urbanização, a existência de sociedades complexas em que não há nenhuma forma de escrita e o momento de transformação do mundo proto-urbano, os tabletes arcaicos não são produto inevitável da Revolução Urbana ou de um suposto auge intelectual, mas instrumentos de controle inicialmente criados em Uruk como uma resposta local a um contexto maior de crise social.

Considerações Finais

O fenômeno da origem da escrita é mais complexo do que comumente se supõe e não se trata somente de tentar identificar seus primeiros exemplares surgidos ex-nihilo no registro arqueológico. A investigação deste campo deve também questionar definições, reorientar a problemática quando necessário e estar aberta a uma abordagem interdisciplinar. Mais concretamente, o estudo do protocuneiforme abarca ao menos duas dimensões analíticas: uma referente aos mecanismos intelectuais de notação e significação e outra que o articula aos processos históricos ocorridos no final do Calcolítico Antigo, de fragmentação do amplo horizonte cultural denominado mundo proto-urbano. Enquanto a primeira dimensão é normalmente investigada por estudos semióticos, filológicos e linguísticos, a segunda se desenvolve dentro da Arqueologia, Sociologia, História, Antropologia e, mais recentemente, Arquivística e Contabilidade. Necessário pontuar que ambas as dimensões são permeáveis.

A problemática da origem da escrita ganha base empírica com a descoberta dos tabletas protocuneiformes em Uruk nos anos 30. A partir de então, as hipóteses sobre a natureza dos primeiros registros escritos ganham um sólido referencial heurístico. Schmandt-Besserat, procurou demonstrar, nos anos 70, a relação evolutiva entre tokens, bullae, tabletas numéricas e tabletas protocuneiformes, conferindo a estes um caráter eminentemente contábil. As maiores críticas a esse posicionamento são aquelas que apontam a deficiência em explicar a transposição de um recurso imagético baseado na relação entre token e produto representado para uma lógica fonética. Glassner ainda recusa a ideia de que a semelhança das formas dos tokens e dos sinais protocuneiformes corresponda a uma reutilização de seu significado. O protocuneiforme, mesmo reutilizando notações previamente existentes, é uma forma de comunicação totalmente original e não resumiria ao universo contábil.

Quanto à decifração do protocuneiforme, o que forneceria os dados para a resolução do debate acima mencionado, há uma série de problemas que, até o momento, nos parecem sem solução. O laconismo, a falta de padronização e a aparente inexistência de uma sintaxe gramatical nos textos arcaicos impedem uma aproximação sistemática de seu conteúdo. Grande parte das tentativas de deciframento se concentram em casos que aparecem praticamente isolados e são pontuadas pela incerteza. Há inclusive razões para supor que a referência linguística não seria necessária – ou ao menos secundária - e que o protocuneiforme seria uma modalidade de notações visuais plenamente operacional em um contexto contábil. Ainda, é importante ressaltar que os significados propostos para sinais cuneiformes partem de uma aproximação de sua forma com os sinais cuneiformes, o que é denunciado por diversos pesquisadores como uma relação artificial. O debate em torno do “idioma” expresso nos textos arcaicos continua em aberto.

Historicamente, o protocuneiforme surge como uma resposta dos escribas de Uruk à retração do mundo proto-urbano, uma larga área do Oriente Médio que compreende hoje Síria, Planalto Iraniano e norte do Iraque. Ao contrário de abordagens deterministas que vinculam diretamente Estado e escrita, a invenção do grafismo em Uruk foi um fenômeno ligado às vicissitudes locais e que, posteriormente, influenciou outras regiões. Seus propósitos iniciais, à parte o debate acima mencionado, se relacionavam ao registro econômico, constituindo-se em um dentre vários dispositivos de controle utilizados pelas grandes organizações do período. Em termos de práticas materiais, o tablete enquanto fenômeno é uma invenção inerente ao mundo proto-urbano, embora seu reaproveitamento como suporte do protocuneiforme tenha ocorrido pioneiramente em Uruk. No entanto, a relação entre o surgimento da escrita e a crise do mundo proto-urbano é apenas nominal uma vez que ainda

desconhecemos a natureza da retração ocorrida no Calcolítico Tardio.

Em anos mais recentes, a problemática da origem da escrita tem sido abordada sob perspectivas inovadoras como os Estudos de Cultura Material – vertente antropológica bastante difundida no mundo anglo-saxão – a Arquivística e a Contabilidade. Em relação à primeira, embora não seja novidade abordar a escrita como um fenômeno material, tem-se desenvolvido um repertório teórico-metodológico que relaciona a fisicidade dos tabletes e de outros objetos relacionados a eles como elementos de agência sobre o ser humano. Em outras palavras, a escrita seria o resultado não de uma imposição da inteligência humana sobre o mundo físico (no caso, argila), mas da dialética entre as possibilidades intelectuais humanas e as restrições do mundo físico. A Arquivística e a Contabilidade, por sua vez, oferecem um referencial teórico pertinente (desde que tomados os devidos cuidados para evitar anacronismos) para se estudar o processamento técnico e intelectual dos primeiros tabletes e seu impacto social mais amplo.

Referências

ADAMS, R. McC.; NISSEN, H. **Thwe Uruk Countryside: the natural setting of urban societies**. Chicago: University of Chicago Press, 1972.

ALGAZE, G. **The Uruk world system: the dynamics of expansion of Early Mesopotamian civilization**. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

BOTTERO, J. **De l'aide-mémoire à l'écriture. Mesopotamie, la raison et les dieux**. Paris. Gallimard. 1987.

BUTTERLIN, P. **Les Temps proto Urbains de la Mesopotamie**. Paris, CNRS Editions, 2003.

CHILDE, V.G. **Evolução cultural do Homem**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1958.

DAMEROW, P. The origins of Writing as a problem of historical epistemology. **Cuneiform Digital Library Journal**, 2006.

ENGLUND, R. K. Texts from the late Uruk Period. In: BAUER, J.; ENGLUND, R.K.; KREBERNIK, M. **Mesopotamien Späruk-Zeit und Frühdynastische Zeit**. Freiburg/Göttingen: Universitätsverlag/Vandenhoeck & Ruprecht, 1998.

FALKENSTEIN, A. **Archaische texte aus Uruk**. Berlin: Deutsche Forschungsgemeinschaft, 1936.

FISSORE, G. G. Conceptual development and techniques of organizing documents and archives in some early civilizations. In: FERIOLI, P.; FIANDRA, E.; FISSORE G.G.; FRANGIPANE, M. (eds.) **Archives before writing**. Roma: pubblicazione Degli Archivi di Stato, 1994, p 339-355.

FRANGIPANE, M. The record function of clay sealings in early administrative systems as seen from Arslantepe-Malatya. In: FERIOLI, P.; FIANDRA, E.; FISSORE G.G.; FRANGIPANE, M. (eds.) **Archives before writing**. Roma: pubblicazione Degli Archivi di Stato, 1994, p 125-137.

GARELLI, Franco. Controle Social. In: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola. PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora UNB, 2007.

GELB, Ignace J. **A study of writing: the foundations of grammatology**. Chicago: University Press, 1986.

GLASSNER, J.J. **Écrire à Sumer: l'invention du cunéiforme**. Paris: Seuil, 2000.

GREEN, M. W. The construction and implementation of the cuneiform writing system. In: **Visible Language**, n. 15, p. 345-372, 1981.

GOODY, Jack. **The logic of writing and the organization of society**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

HEINRICH, E. **Die Tempel und Heiligtümer im alten Mesopotamien**. Berlin: de Gruyter, 1982.

HEINZ, Marlies. Public buildings, palaces and temples. In: CRAWFORD, Harriet. **The Sumerian world**. New York: Routledge. 2012.

MAISELS, C.K. **The Emergence of civilization: from hunting and gathering to agriculture, cities and State in the Near East**. London: Routledge, 1999.

MONACO, S. F. Proto-Cuneiform and sumerians. **Rivista degli Studi Orientali**, p. 261-266, 2014.

MORONY, Michael G. In a City without watchdogs the fox is the overseer. In: **Organization of Power**. Chicago: Orientalia Institute, 1985.

POLLOCK, S. **Mesopotamia: the Eden that never was**. Cambridge: Cambridge Press, 1999.

POWELL, M.A. Three problems in the history of cuneiform writing: origins, direction of script, literacy. **Visible Language**, 15, p. 419-440, 1981.

REDE, Marcelo. Complexidade social, sistemas comunicativos e gênese da escrita cuneiforme. **Classica**, São Paulo, v.11/12, p 37-59, 1998/1999.

ROBERTSON, J. S. **The possibility and actuality of writing. First Writing: Script invention as history and process**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SCHMANDT-BESSERAT, Denise. An archaic recording system and the origin of writing. **Syro-mesopotamian Studies**, 1, p 31-70, 1977.

_____. **Before Writing: from counting to cuneiform**. v.1. Austin: University of Texas Press, 1992.

STROMMENGER, Eva. The chronological divisions of the Archaic Levels of UrukEanna VI to III/II: past and present. **American Journal of Archaeology** n.84, 1980, p 479-487.

SÜRENHAGEN, D. Relative chronology of the Uruk Period. **Bulletin de la société canadienne des Etudes mésopotamiennes**, n.25, 1993, p 57-71.

SZARYNSKA, K. Archaic sumerian tags. **Journal of Cuneiform Studies**, v 46, 1994, p 110.

WHITTAKER, G. The dawn of writing and foneticism. In: D. Borchers, F. Kammerzell, and S. Weninger (eds.), **Hieroglyphen, Alphabete, Schriftreformen**. Ling Aeg – Stud. mon. Göttingen p. 11-50, 2001.

Recebido em: 26 de novembro de 2020.

Aprovado em: 11 de dezembro de 2020.